CC BY NC ND

Cadernos de História da Educação, v.24, p.1-15, e2025-27, 2025
ISSN: 1982-7806 (*on-line*)

https://doi.org/10.14393/che-v24-e2025-27

ARTIGOS

A atuação de Adolphe Ferrière em prol da Educação Nova na França na década de 1920: entre esperanças e desilusões[1]

L'action d'Adolphe Ferrière en faveur de l'Éducation nouvelle en France dans les années 1920: entre espoirs et désillusions

The action of Adolphe Ferrière in favor of the New Education in France in the 1920s: between hopes and disillusionment

La acción de Adolphe Ferrière en favor de la Nueva Enseñanza en la Francia de los años veinte: entre esperanzas y desilusión.

Laurent Gutierrez
Universidade Paris Nanterre (França)
https://orcid.org/0000-0001-6325-4401
laurent.gutierrez@parisnanterre.fr

Resumo

Este artigo analisa os vínculos que Adolphe Ferrière, representante no mundo francófono da Liga Internacional para a Educação Nova, manteve com os círculos educacionais franceses na década de 1920. Além dessa personalidade singular, cujos principais traços de caráter serão delineados aqui, tratar-se-á de compreender as razões pelas quais a implementação das ideias da Educação Nova na França foi tão trabalhosa. Entre crítica à escola tradicional e análise das primeiras tentativas de difusão desse movimento educacional, o presente estudo se propõe retomar, para além do apoio das sociedades científicas e do sindicato nacional dos professores e das professoras, as razões que estiveram na origem das desilusões do pedagogo genebrino.

Palavras-chave: Adolphe Ferrière, Educação Nova, Pedagogia, Sociedades Científicas, professores escolares.

[1] Versão em português sob responsabilidade de Fernando Coelho. E-mail: fernando.coelho@udesc.br. Revisão técnica por Norberto Dallabrida. E-mail: norbertodallabrida@gmail.com.

Résumé

Cet article revient sur les liens que va entretenir Adolphe Ferrière, représentant du monde francophone de la Ligue internationale pour l'éducation nouvelle, avec les milieux pédagogiques français dans les années 1920. Au-delà de cette personnalité atypique dont les principaux traits de caractères seront brossés ici, il s'agira de comprendre les raisons pour lesquelles l'implantation des idées de l'éducation nouvelle en France sera si laborieuse. Entre critique de l'école traditionnelle et analyse des premiers essais de diffusion de ce mouvement d'éducation, la présente étude se propose de revenir, au-delà du soutien de sociétés savantes et du syndicat national des instituteurs et des institutrices, sur les motifs à l'origine des désillusions du pédagogue genevois.

Mots clés: Adolphe Ferrière, Éducation nouvelle, Pédagogie, Sociétés savantes, instituteurs.

Abstract

This article looks back at the links that Adolphe Ferrière, representative of the French-speaking world of the International League for the New Education, had with French educational circles in the 1920s. Beyond this atypical personality, whose main character traits will be outlined here, the aim is to understand the reasons why the implementation of the ideas of the new education in France was so laborious. Between criticism of the traditional school and analysis of the first attempts to disseminate this educational movement, the present study proposes to return, beyond the support of learned societies and the national union of teachers, to the motives behind the disillusionment of the Genevan pedagogue.

Key words: Adolphe Ferrière, New Education, Pedagogy, Leaned Society, teachers.

Resumen

Este artículo analiza los vínculos que Adolphe Ferrière, representante en el mundo francófono de la Liga Internacional de la Nueva Pedagogía, mantuvo con los círculos educativos franceses en los años veinte. Más allá de esta personalidad atípica cuyos principales rasgos de carácter se esbozarán aquí, el objetivo es comprender las razones por las que la puesta en práctica de las ideas de la nueva educación en Francia fue tan laboriosa. Entre la crítica a la escuela tradicional y el análisis de los primeros intentos de difusión de este movimiento educativo, el presente estudio propone buscar, más allá del apoyo de las sociedades eruditas y del sindicato nacional de maestros, las razones de la desilusión del pedagogo ginebrino.

Palabras clave: Adolphe Ferrière, Nueva educación, Pedagogía, sociedades eruditas, maestros.

Recebido: 24/04/2025
Aprovado: 05/07/2025

As relações entre Adolphe Ferrière e os círculos educacionais franceses na década de 1920 eram ambíguas. As associações pedagógicas que reivindicavam para si a Educação Nova rapidamente se distanciaram das posições pacifistas e espiritualistas do representante oficial da Liga Internacional para a Educação Nova (LIEN). Por sua vez, a imprensa pedagógica relativizou o alcance dessa "escola ativa" da qual o genebrino se tornou o apóstolo durante suas conferências nesse período. Diante dessas reações, é legítimo nos perguntarmos sobre a natureza de sua resistência e as razões desse ceticismo. De fato, como podemos explicar esse "distanciamento" das ideias e práticas da Educação Nova na França? D que argumentos os autores franceses se valeram em face das teses desenvolvidas por Adolphe Ferrière? Quais são os projetos políticos que fundamentaram esses debates e que não permitiram superar suas divergências?

O estudo do *Petit Journal* de Adolphe Ferrière, combinado com o dos arquivos de Paul Faucher (cognominado de "Père Castor") e completado pela análise de dados obtidos da imprensa pedagógica francesa da década de 1920, permite-nos responder, em parte, a essas questões e assim relativizar o alcance dessa renovação pedagógica com vocação universalista, encarnada por Genebra e suas instituições internacionais. Nessa perspectiva, depois de relembrar os traços salientes da personalidade de Adolphe Ferrière, tentaremos identificar as razões por trás do atraso da França no desenvolvimento das ideias promovidas pela LIEN. Em seguida, veremos por que a campanha de propaganda de Adolphe Ferrière em favor das escolas ativas teve um efeito limitado sobre os educadores franceses. Por fim, voltaremos às dificuldades editoriais encontradas por Adolphe Ferrière para promover a Educação Nova por meio do órgão francófono da LIEN: a revista *Pour l'Ère nouvelle*.

Adolphe Ferrière: uma personalidade singular

Em 1919, Adolphe Ferrière era uma personalidade singular. Fundador de um Escritório Internacional das Escolas Novas (BIEN), sua vida foi transtornada na noite de 1º de abril de 1918 pelo incêndio de seu chalé onde estavam arquivadas "30.000 fichas documentais e observações, uma imensa biblioteca de obras, meticulosamente anotadas por mim: mais de 20 anos de trabalho árduo, tudo isso dissipado em uma noite (com 4 manuscritos de obras prontas para a impressão" (Ferrière a Cousinet, 1946, p. 9). Juntamente com essa tragédia, que o marcaria por muito tempo, vale a pena mencionar outro golpe do destino. Aos 40 anos, este doutor em sociologia, oriundo da burguesia de Genebra, viu-se obrigado, segundo as suas próprias palavras, a "encontrar uma posição social remunerada que preenchesse o vazio deixado pelo colapso da renda provinda do capital das coroas austríacas" (*Petit Journal*, 31/12/1919). Essa situação o levou a aceitar a direção do jornal *L'Essor* (de Genebra),[2] a escrever artigos pagos para revistas pedagógicas[3], a assumir a direção de uma escola nova em 1920-1921 (Bex), a ser pago por suas palestras e a dar cursos em várias instituições de Genebra (no Instituto Jean-Jacques Rousseau, na escola social para mulheres e na universidade[4]). De constituição frágil, sofrendo de astenia hepática, sua capacidade de trabalho era "constantemente diminuída por problemas de saúde: fraqueza nervosa, depressão, problemas gástricos" (*Petit Journal*, 31/12/1919). Esse "estado enfermiço", que não o deixava desde 1908, também se caracterizava por sua surdez gradual, que se tornou quase total em 1921[5]. Já em setembro de 1920, durante sua participação em um congresso em Bruxelas, ele teve de enfrentar os fatos. Esta participação

[2] O jornal tornou-se o *Nouvel Essor* em 7 de janeiro de 1922.

[3] Entre eles estavam *L'Education* (dirigido por Georges Bertier) e *L'Educateur* (de Lausanne), *Le Coopérateur* (X).

[4] Educação universitária subsidiada pela Sociedade Acadêmica (Suíça) até novembro de 1923 (*Petit Journal*, 30/11/1923).

[5] Essa deficiência o levou a se registrar no Escritório Federal de Assistência em Caso de Desemprego em 6 de junho de 1921 (AIJJR).

"desnudou, mais do que nunca, a ruptura entre minha intensa necessidade de atividade moral e intelectual na sociedade e minha surdez. Querer e não poder, eis todo o drama íntimo da minha vida" (*Petit Journal*, 10/9/1923).[6]

Esses aspectos da personalidade de Adolphe Ferrière são necessários para compreender a situação em que ele se encontrava quando foi a Calais em 1º de agosto de 1921 para participar do primeiro Congresso Internacional de Educação para uma Nova Era (Condette & Savoye, 2016). Esta foi uma grande oportunidade para promover a sua concepção de escola ativa, mas também e sobretudo para encontrar formas de lidar com a carga de trabalho colossal que a gestão do BIEN lhe exigia. As "4.000 cartas às quais ele respondeu apenas em 1922" (Ferrière, 1924, p. 55) o levaram no ano seguinte a apresentar "ao comitê (da LIEN) um pedido de fundos para o BIEN" (*Petit Journal*, 02/08/1923). Graças aos subsídios recebidos, Adolphe Ferrière contratou, por algum tempo, uma secretária (Elise Hartoch), a quem ditou centenas de cartas. Mas a gestão editorial da revista *Pour l'Ere nouvelle*, que se somou à gestão mais administrativa do BIEN, rapidamente se mostrou delicada. Em 12 de maio de 1923, "o Dr. Besse o aconselhou a suspender todas as atividades exigentes por 6 meses" (Gerber, 1989, p. 27). Ferrière questionou a razoabilidade de tal prescrição: "É realizável? Cortar as pontes (as únicas, com a minha surdez) que me ligam ao mundo dos vivos: revistas pedagógicas, redação de (Pour) l'Ere nouvelle, seria um meio-suicídio... (*Petit Journal*, 12/05/1923). Ele estava ciente de que esse trabalho adicional no contexto de suas atividades dedicadas à Educação Nova afetava sua saúde. Sabia também que a sua notoriedade e, portanto, a potencial melhoria da sua situação dependeriam do desenvolvimento das atividades da LIEN em outros países, a começar pela França.

Uma implementação difícil da LIEN na França

Mas a implementação da LIEN nos círculos educacionais franceses se mostrou difícil. No início da década de 1920, a Sociedade Francesa de Pedagogia (SFP) (Gutierrez, 2016), cujo objetivo era renovar e ampliar o espírito da pedagogia francesa, já estudava algumas propostas que tentavam conciliar a tradição com a novidade fora da divisão política. Por sua vez, a associação La Nouvelle Éducation (LNE), fundada antes da Liga, em janeiro de 1921, também desejava transformar os métodos educacionais, dando a conhecer e repetir experiências entre os educadores. A realização do primeiro congresso da LIEN, que teve como objetivo "difundir as ideias e métodos mais modernos educacionais, tanto do ponto de vista teórico quanto prático" (Raymond, 2002, p. 17), foi emblemática da vontade compartilhada de participar dessa empreitada. Por seu objetivo internacional, a Liga surgiu, no entanto, como um empreendimento original que "desempenha no nível supranacional o papel que cada um desses grupos desempenha no nível intranacional" (Ferrière, 1924, p. 104-105). Uma seção francesa da Liga foi então fundada, em Paris, com uma secretária, Jeanne Hauser, como sua única representante.[7] Esposa do banqueiro Lionel Hauser[8], Adolphe Ferrière encontrou nela uma colaboradora leal cujo compromisso ele sublinhou em uma carta que enviou a Elisabeth Rotten em 16 de dezembro de 1925: “Ela é uma mãe de família extremamente devotada à nossa revista a tal ponto que concordou em fazer a maior parte do trabalho da administração de nossa revista, o que lhe toma muitas horas por semana. Ela é teosofista, mas faz parte daquele pequeno grupo de pessoas que colocam o bem da humanidade acima do bem de seu grupo teosófico, como é o

[6] Embora a sua surdez não o impedisse de falar, ela o obrigava a conversar com seus ouvintes com base em anotações que algumas pessoas, começando por sua esposa, faziam para ele durante comunicações e outras reuniões das quais ele participava.

[7] Como atesta seu *Petit Journal*, ele a visitou em cada uma de suas estadas em Paris para administrar os assuntos correntes dessa seção e de sua revista. Ela foi a patrona do Clube dos Jovens Escoteiros, para o qual transmitiu as teses da teosofia e da ativista feminista britânica Annie Besant. Ela traduziu algumas das obras desta última para o francês (Palluau, 2013; Condette & Savoye, 2016, Haneggeli-Jenni, 2017).

[8] Lionel Hauser era sobrinho de Marcel Proust, cuja fortuna ele administrava (Erman, 2018).

caso de Beatrice Ensor. Essas pessoas são naturalmente suspeitas de tibieza por parte dos fiéis ligados acima de tudo à Teosofia." (AIJJR. AdF.C.I/63). Inegavelmente, essa ajuda dada a ele por Jeanne Hauser foi-lhe particularmente valiosa na administração e edição da revista *Pour l'Ere nouvelle,* cujo primeiro número foi publicado em janeiro de 1922.

A esta seção francesa da Liga corresponde a da *L'Éducation nouvelle* "Grupo de Estudos, Pesquisas e Experiências Educacionais", fundada por Alice Jouenne (Gaumont & Prache, 1988) e representada por um prestigioso comitê honorário formado, entre outros, pelo senador François Albert, o deputado Ferdinand Buisson, o escritor Georges Duhamel e o acadêmico Anatole France. Essa coincidência levou, como aponta Adolphe Ferrière, a uma "confusão muito natural por parte das personalidades às quais se endereçava um duplo apelo" (Ferrière, 1922, p. 30). Diante dessa situação, as duas organizações se reuniram e adotaram uma Carta conjunta em 16 de fevereiro de 1922. Durante a cerimônia que selou essa união, Georges Renard, professor do Collège de France, apresentou um programa de conferências para estudar os problemas relacionados à reforma do ensino. Estavam programadas apresentações sobre escolas novas, a questão da aprendizagem, o trabalho manual, o valor educativo do jogo e o cinema educativo. Visitas e demonstrações estavam previstas para o público que desejasse se familiarizar com esses novos métodos. Em sua propaganda, o comitê de ação da *L'Éducation nouvelle* chegou a estudar os meios de organizar, a cada ano, uma "viagem de estudo educacional e pedagógico" ao exterior para seus membros. Mas esses projetos não pareciam estar se materializando[9]. Adolphe Ferrière teve então de ir pregar em solo francês essa Educação Nova da qual ele fez da "Escola Ativa" o emblema.

A escola tradicional ou o fracasso da educação segundo Adolphe Ferrière

Convidado pelo diretor do Museu Pedagógico, Lucien Herr (1864-1926), para dar uma palestra em janeiro de 1923, Adolphe Ferrière aproveitou sua estada para consolidar seus vínculos com os arquitetos da Educação Nova na França. Para isso, visitou a escola ao ar livre de Alice Jouenne (em 5 de janeiro), acerca da qual lamentou o fato de os métodos utilizados permanecerem "amarrados pelos regulamentos"; a escola da Île de France em Villebon e seu parque de 1000 hectares (em 13 de janeiro), que seu diretor, Herbert B. Hawkins, "dirige e isso é tudo"; a École des Roches (em 16 e 17 de janeiro), onde conheceu Elisabeth Huguenin (Fardel, 1998), sua ex-colega em Bex (Suíça), Henri Marty (Duval, 2006), que ele havia conhecido alguns dias antes, e Georges Bertier, diretor desse estabelecimento[10]; e a escola particular protestante em Soisy sous Etiolles (em 18 de janeiro), do Sr. Jeanrenaud, que era "uma escola secundária no campo, e nada mais" (*Petit Journal*, 5-18 de janeiro de 1923). Essa estada permitiu-lhe também debater as teses que defendia nos sete livros[11] que publicou nos três anos anteriores. Na segunda-feira, 8 de janeiro, na École Normale de Sèvres, ele apresentou sua classificação das crianças de acordo com seus tipos psicológicos[12], lembrando ao correspondente do *Temps* que a escola feita sob medida não era, como ele havia sugerido dois anos antes em um tom um tanto irônico, "a classe... individual, que exige um professor por aluno e tantos currículos escolares quantas são as crianças do país" (Ferrière, 1921, p. 321). Três dias depois, "[...] diante de muitas pessoas, mas de alguns

[9] Assim como com o Sr. Dumuid, diretor da revista *L'Education nouvelle et populaire*. Depois de conhecê-lo, Ferrière concluiu que ele tinha uma "compreensão e [uma] colaboração impossíveis" (*Petit Journal*, 29 de abril de 1922).

[10] A pedido deste último, Ferrière interveio junto aos professores sobre os tipos psicológicos, bem como sobre os princípios da escola ativa (*Petit Journal*, 16-17 de janeiro de 1923).

[11] *Transformons l'école* (1920), *L'autonomie des écoliers* (1921), *L'éducation dans la famille* (1921), *L'activité spontanée chez l'enfant* (1922), *L'Ecole active* (1922, 2 volumes), *Les types psychologiques chez l'enfant, chez l'adulte et au cours de l'éducation* (1923).

[12] Ele foi recebido pela diretora, Anne Amieux, que foi "muito amável" (Ferrière, *Petit Journal*, 8 de janeiro de 1923).

notáveis: Delacroix da Sorbonne, Lapie, inspetor das escolas de Paris" (*Petit Journal*, 11 de janeiro de 1923), ele falou da atividade espontânea da criança. Na sexta-feira, 12 de janeiro, no anfiteatro Descartes da Sorbonne, deu uma palestra sobre "A Escola Ativa" na presença de 75 pessoas (*Petit Journal*, 12 de janeiro de 1923).

Essas atividades públicas, durante as quais Adolphe Ferrière denunciou a responsabilidade das escolas públicas pelo fracasso da educação, não atraíram muita atenção dos educadores franceses: "A escola tradicional está passando por um momento ruim. Ela está no banco dos réus. Do que ela está sendo acusada? Nada menos do que de ter sido uma das causas da guerra mundial. Paradoxo? De modo nenhum. A acusação é séria. As queixas são bem fundamentadas. E podem ser reduzidas a duas: se os homens de hoje, se as crianças de ontem tivessem sido educadas no amor ao bem e no horror ao mal, não teria havido guerra. E como a escola nunca perseguiu nenhum outro objetivo, assim como deve admitir que não o alcançou, deve também reconhecer que seus métodos falharam.[13] A *Revue pédagogique*, por meio da pena de Charles Chabot (Mole, 2015a) em particular, não deixou de apontar para o genebrino os limites dessas acusações e as contradições desse discurso contra a escola pública francesa. Adolphe Ferrière, portanto, se viu pregando principalmente para educadores que ele sabia que eram seus. Este poderia ser o sentimento que emerge da leitura da palestra que ele deu por ocasião da segunda assembleia geral de *La Nouvelle Education*, realizada no Museu Pedagógico, diante de mais de cento e cinquenta pessoas, em 20 de maio de 1923. Mas o fato de ele sentir a necessidade de se justificar em relação à sua legitimidade como praticante (que ele deixou de ser por causa de sua surdez) e como teórico da educação (que ele se tornara por força das circunstâncias) colocava em questão a imagem que ele tinha de si mesmo.

O dilema "praticante/teórico" da Educação Nova

Ao optar por relatar "um ensaio de uma escola ativa na Suíça", ele se colocou na posição paradoxal de um praticante que já não era capaz de testar as teorias que então apresentava em suas obras: "Como praticante que aquele que vos fala acredita ser, ou pelo menos ter sido, antes do momento em que a perda de sua audição o separou do mundo dos vivos. E se ele quis fazer teoria, julgando que os princípios que são verdadeiros em todos os lugares e sempre são os únicos que merecem ser universalmente propostos aos educadores, ele pode atestar que essa teoria, no caso dele, nasceu da prática; que essas leis da psicologia infantil que ele esboçou são o resultado de observações meticulosas e prolongadas e que as regras pedagógicas que ele pode ter proposto são o resumo de experimentos que se estenderam por muitos anos" (Ferrière, 1923b, p. 7-8), e acrescenta: "Eu sou o inimigo de qualquer método que não seja diretamente justificado pelos fatos" (*ibid*, p. 18). Podendo testar os fatos apenas por meio de observações durante suas visitas a escolas particulares, Adophe Ferrière passou a ser convocado como uma simples testemunha cuja credibilidade no plano pedagógico lhe foi conferida por suas funções e títulos (Hameline, 2005). Para os promotores de uma Educação Nova baseada na experiência, como os diretores de *La Nouvelle Education*, as palavras retrospectivas de Adolphe Ferrière não são muito melhores do que um simples testemunho[14]. Sua estatura como líder da LIEN, embora lhe permitindo ser convidado a falar sobre os esforços feitos em favor da Educação Nova, já nem sequer convencia os membros de seu círculo íntimo de militantes. Este elemento explica, em parte, a distância que os diretores de *La Nouvelle Education* tomariam mais tarde em relação à Liga, que, depois de terem aceitado filiar-se a ela, rejeitaram qualquer vínculo com essa organização internacional.

[13] AIJJR, Fonds Ferrière, boîte 203 « Notes de cours et conférences ».

[14] E isso apesar do qualificativo de "pedagogo notável" usado em relação a ele pelo senador André Honnorat na introdução de sua conferência. *Rapport de la deuxième assemblée générale de La Nouvelle Education tenue à Pars du 20 au 22 mai 1923*, Versailles : imprimeries Cerf, p. 6.

Efeitos limitados do "grupo de estudos para a Educação Nova" de Paris

O dilema "praticante/teórico" de Adolphe Ferrière ainda permite entender por que, além da fragilidade dos meios disponíveis ao "grupo de estudos para a Educação Nova" de Paris[15], o alcance de suas primeiras iniciativas permaneceu modesto e teve poucos efeitos práticos. Os 75 assinantes da revista *Pour l'Ère nouvelle*, após dois anos de existência, confirmam os limites dessa propaganda. Portanto, era necessário reagir o mais rápido possível se a França não quisesse acentuar o desfasamento em que estava em relação aos outros países da Europa em termos de divulgação das ideias defendidas pela LIEN. A esse respeito, foi organizada uma semana de trabalho no Palácio de Villebon (Liancourt, Oise) de 23 a 27 de abril de 1924, durante a qual os membros francófonos da Liga procuraram saber como "conciliar o postulado moderno da psicologia em favor do reconhecimento da individualidade da criança e de suas necessidades com as exigências atuais do ensino coletivo nas escolas públicas". Esta iniciativa lançada para relançar a atividade do grupo francês foi um semifracasso: "Por que estavam presentes tão poucos de nossos membros? O número de participantes oscilou de quarenta a sessenta[16], três quartos deles vindos diariamente de Paris, enquanto na Suíça ou na Bélgica cursos de férias semelhantes, mesmo realizados simultaneamente em cidades vizinhas a sessenta quilômetros de distância, como Lausanne e Genebra, geralmente reúnem de duzentos a trezentos participantes. Parece que na França cursos desse tipo não se tornaram parte dos costumes. Isso virá" (Ferrière, 1924, p. 1). Além do número decepcionante de participantes, Adolphe Ferrière tem o cuidado de não revelar seus sentimentos na edição especial da *Pour l'Ère nouvelle* (n° 13, 1924) dedicada a esta "Semana Villebon". Ele permaneceu em silêncio sobre sua conferência acerca da coeducação (24 de abril) diante de um "público bastante frio", apesar de uma "apresentação [...] moderada, documentada, clara e bem concebida [...]". Se a "discussão cortês (que) completou (suas) teses, em vez de atacá-las" parecia permitir-lhe relativizar o fato de que suas ideias não foram tão bem-sucedidas quanto o esperado, sua avaliação da sessão da tarde seguinte sobre a escola primária "tediosa, embora animada" foi inequívoca: "As pessoas amarradas pelos currículos e que viveram lá não veem além disso! Eles estão organizando suas prisões em vez de derrubar-lhe as paredes" (*Petit Journal*, 25 de abril de 1924). Somente sua participação na Sociedade Teosófica, onde "em boa forma" ou quase [...] [sua] conferência recebeu uma aprovação muito calorosa" (*Petit Journal*, 29 de abril de 1924), o confortou em suas chances de encontrar aliados em solo francês em favor da Educação Nova.

Durante a semana seguinte (de 1 a 8 de maio de 1924), apesar de inúmeras entrevistas com personalidades importantes do mundo escolar, Adolphe Ferrière experimentou dificuldades que não suspeitava na impressão da *Pour l'Ere nouvelle*. Não foram os encontros com Émile Glay do Sindicato Nacional dos Professores (1º de maio), com Pierre Marcel, diretor das editoras universitárias da França (2 de maio), ou com o Sr. Lefèvre, diretor das escolas primárias do Sena (8 de maio), que o ajudariam em seus esforços. Sua visita às classes Montessori do anexo do Collège Sévigné na companhia da Srta. Bonne (estando Marie-Thérèse Maurette ausente) o surpreendeu: "há pouco material e há instabilidade... Esses pequenos parisienses, ao que parece, só gostam de ler e escrever! (*Petit Journal*, 6 de maio de 1924). No dia seguinte, chegando à escola Montessori da rue Hudri, em Courbevoie, acompanhado pela inspetora das escolas maternais, Jeanne Géraud, e pela diretora desse estabelecimento, a Srta. Aubin, ele visitou "três classes de crianças, muito mais equilibradas do que as do Collège

[15] Designação que encontramos em um artigo que Ferrière dedicou à LIEN em 1924 na *L'Educateur* (de Lausanne). Este "grupo" era então composto por Alice Jouenne, Jeanne Hauser e a Srta. Brémond da *La Nouvelle Education* (Ferrière, 1924, 104).

[16] Quarenta e duas pessoas estavam presentes no primeiro dia (*Petit Journal*, 23 de abril de 1924).

Sévigné" (*Petit Journal*, 7 de maio de 1924).[17] Convencido de suas observações, ele as incluiu em sua palestra sobre "A Escola Ativa" de 16 de outubro, em evento presidido por Paul Fauconnet no Museu Pedagógico [18] . Nessa ocasião, ele lembrou "a necessidade de individualizar o ensino tanto quanto possível, os perigos do ensino "seriado", as tentativas feitas para conciliar as exigências dos exames com as da psicologia e as do respeito pelo caráter da criança, o mal-entendido sobre a palavra "espontaneidade", vista por alguns como um "capricho superficial", e por outros como um "instinto profundo", o *project-method* de John Dewey e o trabalho individual de Winnetka segundo Carleton Washburn, e, finalmente, o que, segundo ele, constituía uma tentativa de síntese de tudo isso na Escola Internacional de Genebra" (Ferrière, 1925b, p. 24). Ele também se perguntou, com um tom de gracejo: "Por que esses princípios, nascidos na França da tradição autóctone, são aí tão pouco seguidos?" Segundo ele, as razões devem ser procuradas entre os "poderes eclesiásticos, políticos e filosóficos [...]". Para citar apenas dois, ele denunciou "o imperialismo de Napoleão, [que] fez da disciplina do liceu uma imitação da do quartel, digamos: uma preparação para o exército. Por outro lado, a ciência materialista e dogmática de cinquenta anos atrás confundiu os resultados parciais e momentâneos da ciência com o método científico, feito de curiosidade e espírito crítico, no bom sentido da palavra, substituindo aqueles por este último. Esses obstáculos ainda pesam sobre as escolas, não só na França, mas em todos os lugares" (Ferrière, 1924d, p. 413).[19]

O apoio das sociedades científicas e o sindicato nacional dos professores e professoras

O alcance relativamente limitado de sua atuação, no entanto, permitiu que Adolphe Ferrière aparecesse como a celebridade da Escola Ativa (Hameline, Jornod, Belkaïd, 1991). Diretor do Escritório Internacional das Escolas Novas por mais de vinte anos, Ferrière usou a notoriedade que lhe fora conferida por esse título para participar de círculos de especialistas, começando pelo Grupo de estudos filosóficos e científicos para o exame das ideias novas da Sorbonne[20]. Esta conferência, na qual ele "falou com facilidade e firmeza das 9h às 10h30 sem cansaço" (*Petit Journal*, 12 de fevereiro de 1925) sobre "as aplicações da psicologia genética para a educação", no anfiteatro Michelet, diante de 350 pessoas, foi certamente seu primeiro sucesso de audiência em solo francês. Nessa ocasião, ele lembrou alguns dos princípios que devem estar na base de qualquer abordagem educacional: "[...] nas crianças: evitar tudo o que mata gradualmente a vitalidade corporal, mental (na escola) ou espiritual. […] distinguir entre objetivo e técnica. Escolha do objetivo ditada pelo interesse [...]. A técnica é obra das gerações [...]. É a tocha passada de geração em geração. É o patrimônio da humanidade. […] É a riqueza do ambiente (a riqueza do ambiente e das oportunidades de agir) que alimenta os instintos, que traça o caminho concreto e real da evolução de cada criança e, consequentemente, determina a riqueza de suas possibilidades de ação no futuro."[21] Na semana seguinte, sob os auspícios do Sindicato Nacional dos Professores, da Sociedade Francesa de Pedagogia e da Sociedade Francesa para o Avanço da Ciência, Adolphe Ferrière falou sobre "A lógica da criança e os seus interesses

[17] Entre 20 e 25 de outubro de 1924, ele visitou outras escolas maternais do Sena na companhia das inspetoras gerais Jeanne Géraud, Madeleine Bardot e Renée Mouflard.

[18] Conferência na presença de Georges Lapierre, Louis Hourticq, Jeanne Hauser, Alice Jouenne, Srta. Potvin, Anne Billotey, Paul Langevin, Jeanne Géraud e Louise Guieysse-Bréal.

[19] Adolphe Ferrière deu uma segunda palestra "monótona e árdua" sobre "Os tipos psicológicos" no Museu Pedagógico (*Petit Journal*, 28 de outubro de 1924). Além disso, esta segunda estada em Paris, de 14 a 31 de outubro de 1924, foi pontuada por um encontro perdido com o Ministro da Instrução Pública: "Com a Sra. Hauser e Alice Jouenne, 'ficamos plantados' das 9:50h às 12:40h na antecâmara do Sr. François Albert [...]. Saí às 12:40h - e elas foram, finalmente, recebidas às 12:55h" (*Petit Journal*, 30 de outubro de 1925).

[20] O grupo foi fundado por René e Yvonne Allendy, cuja primeira sessão foi aberta por uma palestra de Paul Langevin em 7 de dezembro de 1922.

[21] AIJJR. Fonds Adolphe Ferrière, boîte 203 (notes de cours et conférences).

dominantes em diferentes idades". Essa palestra, reproduzida no *Bulletin mensuel du syndicat national des institutrices et des instituteurs publics de France et des colonies* (n° 45, fevereiro de 1925, p. 22-29), foi o maior sucesso de Ferrière em termos de propaganda naquela data.

Com uma tiragem de 82.000 exemplares e enviado a todas as Escolas Normais e a todos os inspetores escolares da França e das colônias (Ferrière, 1925b, p. 24), esse fascículo garantiu que ele tivesse um amplo público entre os professores franceses[22]. Fascículo no qual escreve que "[...] a escola pública obteria melhores resultados, com menos gasto desnecessário de energia por parte de professores e alunos, se *adiasse todos os programas por um ou dois anos*; se o próprio programa autorizasse *esforços profundos* em vez de obrigar a aquisições superficiais; e se, portanto, fosse possível apelar mais à *iniciativa dos alunos*. [...] Alimentar o apetite da criança por conhecimento; não a empanturrar. Formar a razão mobiliando a memória apenas em áreas em que há interesse, e facilita tudo. Direcionar o interesse para as lacunas a serem preenchidas, ou, melhor ainda, para os objetivos a serem alcançados; suscitar, assim, o esforço na obtenção de técnicas difíceis de adquirir, é isso que caracteriza a Escola Ativa" (Ferrière, 1925, p. 28). À guisa de conclusão, Adolphe Ferrière recomendava que "psicólogos e professores colaborassem livremente na busca das leis da evolução infantil e na descoberta das etapas pelas quais passa a mente da criança; exortava as autoridades públicas a que a psicologia genética fosse ensinada na forma devida e assiduamente nas escolas normais de professores e professoras e, por último, que os programas fossem revistos em função das leis da psicologia infantil com base nas necessidades profundas de cada idade: instintos, tendências, interesses dominantes, [...] sem esquecer de deixar espaço para as variações individuais: temperamentos e tipos psicológicos (Ferrière, 1925, p. 29).

Força das redes e fraqueza dos replicadores institucionais

Esta estada também destaca a existência de uma rede de personalidades francesas conquistadas pelas ideias de Adolphe Ferrière, incluindo Louise Guieysse-Bréal (1872-1954),[23] com quem ele se hospedou no Boulevard de Montparnasse, 166, durante suas escalas em Paris, Jeanne Hauser, cuja hospitalidade regular (na Rua de l'Observatoire) lhe permitiu resolver questões relacionadas à revista *Pour l'Ère nouvelle*, o Dr. René Allendy (1889-1942), de quem disse que "seu conhecimento surpreendentemente erudito do ocultismo[24] lhe permitiu 'situar' a psicanálise no conjunto histórico dos fenômenos de interpretação por símbolos" (*Petit Journal*, 25 de abril de 1924)[25] e com quem falou de horóscopo (*Petit Journal*, 30 de abril de 1924) e homeopatia (*Petit Journal*, 13 de fevereiro de 1925), Georges Lapierre (1886-1945), um "rapaz de aparência pacífica, muito calmo e sóbrio em seus gestos, mas de inteligência aguda e atividade incansável no sentido da escola ativa e da aproximação entre professores franceses e alemães"[26] (Mole, 2015b), Paul Desjardins (1859-1940), que visitou o casal Ferrière em Genebra antes da Primeira Guerra Mundial e com quem manteve laços de amizade a partir de então. Finalmente, o protestante Paul Doumergue (1859-1930), fundador da Escola Prática do

[22] Em sua carta de 16 de dezembro de 1925, Adolphe Ferrière disse a Elisabeth Rotten que ela poderia obter o apoio de Louis Roussel (1876-1952), presidente do Sindicato Nacional dos Professores e Professoras, e de seu "braço direito", Émile Glay, "ambos simpáticos à [sua] causa".

[23] Membro na década de 1930 do Comitê de Ação Internacional para a Paz e o Desarmamento [...].

[24] Adolphe Ferrière, *Petit Journal*, 30 de abril de 1924.

[25] René Allendy, que fundaria, dois anos depois (1926), com René Laforgue e Marie Bonaparte, a Sociedade Psicanalítica de Paris.

[26] Carta de Adolphe Ferrière a Elisabeth Rotten, datada de 16 de dezembro de 1925, na qual ficamos sabendo que esse professor, que lecionava em uma classe no décimo oitavo *arrondissement* de Paris, ia regularmente a Genebra para cuidar de sua esposa, que sofria de reumatismo. Como editor da revista do ensino primário, da qual Albert Thomas era um dos membros do comitê editorial, foi ele que apresentou o diretor da OIT a Adolphe Ferrière em 1920.

Serviço Social (Place des Vosges, 18), na qual organizou ciclos de conferências dedicados à educação em 1927-1928 e publicados na revista *Foi et Vie*[27].

Apesar dessa rede e desses contatos, Ferrière não tinha replicadores institucionais suficientes para convencer os educadores franceses a ensinar de acordo com os princípios da escola ativa. Na carta que dirigiu a Elisabteh Rotten em 16 de dezembro de 1925, ele deplorou a atitude de Paul Lapie, que "foi por muito tempo o diretor do ensino primário na França. […] nomeado neste verão como Reitor da Universidade de Paris para substituir Paul Appelle [...] Lapie é acima de tudo oportunista. Ele não entende o lado dinâmico e biológico de nosso movimento por uma Educação Nova, e em sua revista *La Revue Pédagogique*, publicou ou permitiu que fossem publicados artigos hostis à Escola Ativa, ou pelo menos céticos."[28] Dentro da universidade francesa, Adolphe Ferrière também teve de aceitar uma parceria simbólica com Paul Fauconnet (1874-1938). Professor de psicologia e pedagogia da Sorbonne[29] desde 1921[30], "um discípulo da Escola de Durkheim, o líder, como você sabe, de uma escola sociológica que atribui à sociedade como um todo uma influência preponderante e, a meu ver, exagerada sobre a educação do indivíduo. […] O Sr. Fauconnet está sempre sobrecarregado de trabalho; ele só concordou em figurar na capa da minha revista se não lhe fosse pedido nenhum artigo. Na verdade, não o vejo há mais de um ano e mal trocamos duas ou três cartas desde então. Ele perdeu uma filha; esteve doente, mas à parte isso, seus sentimentos em relação a nós são muito calorosos. Durante minha palestra no Museu Pedagógico em outubro de 1924, ele pronunciou algumas palavras extremamente gentis sobre nossa Liga e os objetivos que ela se propõe."[31] Essas poucas conexões com personalidades do mundo da educação da França nos falam sobre a natureza dos vínculos que Adolphe Ferrière tinha com elas. Por mais prestigiosos que fossem, esses "replicadores" não permitiam que ele impusesse suas ideias além dos círculos de iniciados que frequentavam, sublinhando assim a fraqueza desses replicadores institucionais.

As ideias dominantes de um autor prolífico

No entanto, durante a década de 1920, Adolphe Ferrière publicou dezesseis obras em seis campos diferentes: *Critique de l'école* (*); *Éducation familiale* (**); *Psychologie de l'enfant* (***); *L'école active* (°); *Religion (Poésie) et spiritualité* (°°); *Pédagogues* (°°°) (ver Anexo). Por meio de seus escritos, a maioria dos quais foram traduzidos para várias línguas e cujo número total de exemplares vendidos ultrapassou 40.000, Adolphe Ferrière sustenta que um mundo melhor é possível graças a uma educação baseada no respeito à criança que visa a sua libertação. Segundo o genebrino, a educação consiste em respeitar as etapas do desenvolvimento da criança (dos 4 aos 6 anos: essa é a idade do jogo e dos interesses dispersos;

[27] Durante o inverno de 1927, ele organizou uma "Semana Jean-Jacques Rousseau" durante a qual Adolphe Ferrière falou sobre "A Serena Escola de Agno" (Cahier B, n°12, 6 de junho de 1928, pp. 161-172), Marie Butts sobre "O Plano Dalton e a Individualização do Ensino" (Cahier B, n° 16, 16 de outubro de 1928, pp. 241-251) e Robert Dottrens sobre "A Escola Ativa em Viena" (Cahier B, n° 18, 1 de novembro de 1928, pp. 257-268 e n° 19, 16 de novembro de 1928, pp. 273-283) e sobre a questão das relações entre "Professores e pais" (Cahier A, n° 16, 16 de outubro de 1928, pp. 966-980). Na primavera de 1928, ele programou uma série de palestras sobre educação com Henri Marty, que falou sobre "Uma Pedagogia do Esforço Individual e da Ação Concertada" (Cahier B, n°8, 16 de abril de 1928, pp.97-109) e Marguerite Reynier sobre "A autoridade do professor" (Cahier B, n° 4, 16 de fevereiro de 1928, pp. 33-47 e n° 5, 1º de março de 1928, pp. 49-64).

[28] AIJJR. Correspondência Ferrière-Rotten.

[29] Este título foi-lhe dado pela revista *Pour l'Ère nouvelle* quando o seu nome apareceu nela pela primeira vez em 1923 (n.º 13, edição especial).

[30] Próximo de Marcel Mauss, com quem dirigiu *L'Année Sociologique*, foi sua tese sobre a responsabilidade, defendida em 1920, que lhe permitiu ser nomeado professor da Sorbonne na cadeira de ciências da educação e sociologia, deixada vaga por Durkheim (1858-1917). *Maître de Conférences*, depois *Professeur sans chaire*, foi somente em 1932 que foi nomeado professor titular da cadeira de sociologia da Sorbonne, aos 58 anos (Guey, 2013).

[31] AIJJR. Correspondência Ferrière, Rotten.

dos 7 aos 9 anos: é a idade dos interesses imediatos, do egocentrismo; dos 10 aos 12 anos: essa é a idade dos interesses especializados concretos, das coleções e monografias; dos 13 aos 15 anos, é a idade dos interesses abstratos empíricos; dos 16 aos 17 anos, a idade durante a qual surgem interesses abstratos complexos) e em criar um ambiente que lhe permita florescer. Para esse fim, o autogoverno, a ajuda mútua e a atividade voluntária dos alunos contribuem para criar essa atmosfera favorável à educação. O trabalho escolar é organizado segundo três abordagens distintas, mas complementares: *trabalho individualizado*, que envolve a aquisição das técnicas (essa individualização permite que cada aluno trabalhe no ritmo que se adapta às suas habilidades); *o trabalho coletivo*, no qual todos os membros do grupo trabalham juntos para resolver um problema e/ou estudar uma questão no âmbito de um projeto elaborado em conjunto; *o trabalho individual livre*, durante o qual o aluno se expressa através da escrita ou, em particular, do desenho, faz pesquisas, reúne os resultados, os ordena para dar a sua contribuição a um trabalho coletivo ou para realizar um projeto pessoal que lhe é caro.

Essas ideias, extraídas de sua experiência e de suas observações, não deixaram de desconcertar alguns membros do sistema de ensino público francês, que viam nelas um fundo metafísico que não era propício à reforma da escola francesa. Esta escola ativa, que é antes de tudo uma escola libertadora, não se reduz, no entanto, aos procedimentos e às técnicas que nela são introduzidos. Esta é a razão pela qual Adolphe Ferrière recomenda proceder em etapas e começar com a formação de alunos-professores e de alunas-professoras nas Escolas Normais. É por estarem em consonância com essa forma de conceber uma possível renovação pedagógica que outras personalidades francesas do mundo da educação buscaram reunir-se em um Escritório de Educação Francês (BFE). Por iniciativa do jovem livreiro Paul Faucher (Piquard, 2011), essa estrutura, fundada em 23 de setembro de 1927, propôs-se estabelecer uma aproximação entre os diferentes grupos pedagógicos e dar a conhecer, por todos os meios, seus respectivos esforços. As dificuldades encontradas por esse escritório em seu estabelecimento durante seus primeiros anos levaram Adolphe Ferrière a tomar consciência que os obstáculos que cercavam a introdução e o desenvolvimento de suas ideias na França também se encontravam naqueles que afirmavam abraçá-las. Um tanto desiludido com a impossibilidade de concordarem com o essencial, Adolphe Ferrière escreveu em 17 de maio de 1928 que na França "Todos carecem de espírito de cooperação, mesmo que sejam todos bem-intencionados".[32] Essa situação explica, em parte, por que ele decidiu confiar a coordenação e a gestão da revista *Pour l'Ère nouvelle* ao Grupo Francês de Educação Nova em 1929, depois que este se reestruturou (Gutierrez, 2010).

Conclusão

Durante a década de 1920, Adolphe Ferrière multiplicou as iniciativas para tentar se aproximar dos círculos educacionais franceses. Essas tentativas terminaram em um semifracasso. Embora sua reputação como promotor da Educação Nova fosse um fato, suas ideias em prol da "escola ativa" não atingiram o público esperado. Diante da resistência e até do ceticismo que teve de enfrentar, multiplicou artigos e conferências para um grande público que serão publicados na imprensa. Nada adiantou. Os profissionais do ensino francês, em sua maioria, pareciam pouco inclinados a participarem dessa renovação pedagógica universalista, encarnada por Genebra e suas instituições internacionais. Apesar de uma rede influente, Adolphe Ferrière teve de enfrentar os fatos. A insuficiência de replicadores institucionais na escola pública francesa, bem como o baixo impacto de suas obras em seu corpo docente, o levou concluir: a França ainda não era o país em que os educadores estavam dispostos a mudar a sua pedagogia segundo os princípios da escola ativa.

[32] Arquivo BIE. Boîte n° 166. Carta de Adolphe Ferrière a Marie Butts datada de 17 de maio de 1928.

Fontes

Archives de l'Institut Jean-Jacques Rousseau (AIJJR). Fonds Adolphe Ferrière : boîte 203. Notes de cours et conférences. Correspondance alphabétique (AdF.C.I/63).

Archives de de la Médiathèque du Père Castor (AMPC). Fonds Paul Faucher (1J74-78), 1927-1933.

Rétro News (1928). *L'œuvre*, 15 mai, 1928, n°6, 4610.

Cousinet R. Adolphe Ferrière, 1879-1960. *L'école nouvelle française*, 1961, n°84, 9.

Ferrière A. Les types psychologiques », *L'Éducateur*, 1921, n°20, 321-329.

Ferrière A. Notre Ligue. *Pour l'Ère nouvelle*, 1922, n°2, 30.

Ferrière A. Un essai d'école active en Suisse. *Rapport de la deuxième assemblée générale de La Nouvelle Education tenue à Pars du 20 au 22 mai 1923*. Versailles : imprimeries Cerf, 1923, 7-21.

Ferrière A. La semaine de Villebon. *Pour l'Ère nouvelle*, 1924, 24-25.

Ferrière A. Notre Ligue. *Pour l'Ère nouvelle*, 1924, n°11, 1.

Ferrière A. La Ligue internationale pour l'Éducation nouvelle. *Revue de l'enseignement primaire*, 1924, n°7, 55.

Ferrière A. L'École active. *Bulletin de la Société française de Pédagogie*, 1924, n°14, 413-425.

Ferrière A. La logique enfantine et les intérêts dominants des enfants aux différents âges. *Bulletin mensuel du syndicat national des institutrices et des instituteurs publics de France et des colonies*, 1925, n°45, 22-29.

Ferrière A. Livres et revues. *Pour l'Ère nouvelle*, 1925, n°16, 23-24.

Ferrière A. À l'École sereine d'Agno. *Foi et Vie* (Cahier B), 1928, n°12, 161-172.

Lapie P. The New Education in Europe par F. W. Roman. *Revue Pédagogique*, 1924, n°4, 302.

Desjardins P. L'Éducation nationale. Pour le rajeunissement des méthodes d'éducation en France. Enquête et vœux. Paul Hunziker : Instruction et éducation, *Les Cahiers du redressement français*. Paris : Société générale d'imprimerie et d'éditions, 1927, n°2.

Bibliografia

Duval N. et Savoye A. (Dir.). L'École des Roches, creuset d'une éducation nouvelle. *Les Études Sociales*, n°127-128, 1988, 127-128.

Duval N. Georges Bertier. Un Éclaireur oublié. *Les Études Sociales*, 1999, n°130, 83-94.

Duval N. Henri Marty (1887-1945) : un Eclaireur de France au service de la jeunesse et de la Patrie. In : Baubérot A. et Duval N. (Dir.), *Le scoutisme entre guerre et paix au XXe siècle*, Paris : L'Harmattan, 2006.

Encrevé A. Paul Doumergue et la fondation de La Foi et la Vie », *Foi & Vie*, 1998, n°5, 32-45.

Erman M. *Marcel Proust. Une biographie*. Paris : Éditions de la Table ronde, 2018.

Marie-Christine Fardel (1998). *De l'errance et du chemin, de la raison et du cœur… Esquisse biographique d'Elisabeth Huguenin (1885-1970)*. Mémoire de licence. Genève, Université de Genève : Faculté de psychologie et des sciences de l'éducation.

Gaumont J. et Prache. G. Jouenne née Stein Marie-Alice dite *Alice* ». In : Maitron J. (Dir.), *Dictionnaire biographique du mouvement ouvrier français*, tome XXXII. Hud à Kwa, Paris, Presses ouvrières de France, 1988.

Gerber R. *Vie et œuvre d'Adolphe Ferrière (1879-1960). Chronologie de son existence. Première partie : 1879-1934*. Genève, Faculté de psychologie et des sciences de l'éducation, 1989.

Guey E. *Les sciences humaines (pédagogie-psychologie-sociologie) dans la formation des maîtres de l'enseignement primaire (1920-1969) : étude historique sur une institutionnalisation discontinue*. Thèse de doctorat en Sciences de l'éducation. Université Saint-Denis, Paris 8, 2013.

Gutierrez L. Les premières années du Groupe français d'Éducation nouvelle (1921-1940). *Recherches et Éducations*, 2010, n°4, 27-39.

Gutierrez L. La Ligue internationale pour l'Éducation nouvelle. *Spirale*, 2011, n°45, 29-42.

Gutierrez L. La Société française de Pédagogie (1919-1938) ». In : Kahn P. & Michel Y. (Dir.), *Formation, transformations des savoirs scolaires*. Caen : PUC, 2016,169-182.

Gutierrez L. et Savoye A. Sauver les jeunes générations de la faillite éducative : le combat de Madeleine Guéritte. In : Rita Hofstetter, Henri-Louis Go et Xavier Riondet (Dir.), *Les acteurs de l'Éducation nouvelle au XXème siècle.* Grenoble : PUG, 2018, 29-43.

Haenggeli-Jenni B. *L'Education nouvelle entre science et militance. Débats et combats à travers la revue Pour l'Ere nouvelle (1920-1940)*. Berne : Peter Lang, 2017.

Hameline D. Adolphe Ferrière et l'entremise éducative ». In : Collectif. *Hommage au pédagogue Adolphe Ferrière (1879-1960) à l'occasion du centenaire de sa naissance*. Brochure publiée par la Faculté de psychologie et des Sciences de l'Éducation de l'Université de Genève, 1981, 11-26.

Hameline D. Adolphe Ferrière, praticien en quête d'une reconnaissance sociale. In : Hameline D. (Dir.). Autour d'Adolphe Ferrière et de l'éducation nouvelle. *Cahiers de la section des Sciences de l'Éducation* (Université de Genève), 1981, n°25, 9-37.

Hameline D. Adolphe Ferrière (1879-1960). *Perspectives*, 1994, n°23, 379-406.

Hameline D. Adolphe Ferrière. In : Houssaye J. (Dir.). *Quinze pédagogues : leur influence aujourd'hui*. Paris : A. Colin, 1994, 181-195.

Hameline D. Adolphe Ferrière ». In : Houssaye J. (Dir.). *Quinze pédagogues : textes choisis*. Paris : A. Colin, 1995, 173-186.

Hameline D., Belkaïd M. et Jornod A. *L'École active : textes fondateurs*. Paris : PUF, 1995.

Hameline D. Préface. In : Adolphe Ferrière, *L'École active*. Paris : Fabert, 2005, 7-29.

Hameline D. Relater sa pratique ? Les tentations d'Adolphe Ferrière (1879-1960) : entre compte rendu d'évaluation et libellé de propagande. *Revue française de pédagogie*, n°153, 2005, 67-80.

Mole F. Charles Chabot, la connaissance de l'enfance et les risques de la mesure (1857-1924). In : Robert A. Mole F. et Poizat D. (Dir.). *70 ans de sciences de l'éducation à Lyon*, Lyon, Université Lumière-Lyon2, 2015, n°7-9 (réédition).

Mole F. Georges Lapierre, un instituteur dans le développement de l'internationalisme pédagogique (1923-1932). In : Droux J. et Hofstetter R. (Dir.), *Globalisation des mondes de l'éducation. Circulations, connexions, réfractions, XIXe-XXe siècles*. Rennes : PUR, 2015, 53-74.

Raymond A. *L'Éducation morale dans le mouvement de l'Éducation nouvelle*. Paris : L'Harmattan, 2002.

Anexo

Lista das obras publicadas por Adolphe Ferrière na década de 1920

* *Transformons l'école*, Neuchâtel, Delachaux et Niestlé, 1920.
***L'éducation dans la famille,* Lausanne, Imprimerie La Concorde, 1920.
***L'éducation dans la famille*, Neuchâtel, Delachaux et Niestlé, 1921.
**L'autonomie des écoliers*, Neuchâtel, Delachaux et Niestlé, 1921,
**Les tendances actuelles de l'éducation en Suisse*, Genève, Société générale d'imprimerie, 1921.
****L'activité spontanée chez l'enfant*, Neuchâtel, Delachaux et Niestlé, 1922.
°*L'école active*, Neuchâtel, Forum, 1922 (d'abord publié en 2 vol. avant d'être réunis en un seul livre)[33]
****Les types psychologiques chez l'enfant, chez l'adulte et au cours de l'éducation*, Neuchâtel, Delachaux et Niestlé, 1922.
****Notice sur les problèmes de la psychologie génétique et sur les applications de cette science à l'éducation et à l'économie sociale,* Genève, Imprimerie du Commerce, 1923.
°*La pratique de l'école active*, Neuchâtel, Delachaux et Niestlé, 1924.
**La coéducation des sexes*, Neuchâtel, Delachaux et Niestlé, 1926.
°°*Dieu dans l'homme, sonnets*, (sous le pseudonyme de Dr F. Emmanuel), Genève, éditions de la Petite fusterie, 1926.
°°*Le progrès spirituel*, Neuchâtel, Delachaux et Niestlé, 1927.
°°°*Le grand cœur maternel de Pestalozzi*, Paris, Julien Crémieu, éditeur, Centre de librairie française et étrangère, 1927.
°°°*L'aube de l'école sereine en Italie*. Monographies d'éducation nouvelle recueillies et présentées par A. Ferrière. Paris, Julien Crémieu, éditeur, Centre de librairie française et étrangère, 1927.
°*La liberté de l'enfant à l'école active*, Bruxelles, Lamertin, 1927.
°°°*Trois pionniers de l'éducation nouvelle*, Paris, Flammarion, 1928.

[33] Para registro, ele redigiu 350 das 425 páginas do 1º tomo do seu livro *L'école active* (publicado em dezembro de 1921) em apenas dois meses (Gerber, 1989, p. 23).